

XIII ENPOS – 2011

MEMÓRIA CIENTÍFICA: UM INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO TECNOLÓGICO
DA FACULDADE DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL.

VILLANOVA NUNES, Magda¹

magdavillanova@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas

INTRODUÇÃO

O projeto *“Memória Científica: um inventário do patrimônio tecnológico da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal Rio Grande do Sul”* vem sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas com previsão de defesa para março de 2013.

A Faculdade de Farmácia da UFRGS foi fundada em 1895, constituindo-se o primeiro núcleo dessa universidade e o primeiro curso superior de Porto Alegre. Porém, em 1897 perde sua autonomia ao ser incorporada ao Curso de Partos que veio a tornar-se Faculdade de Medicina e Farmácia. Com o tempo passa a ser apenas uma disciplina no curso de medicina e somente em 1952 recupera a sua autonomia.

Esse projeto busca inventariar, identificando e descrevendo o acervo dessa faculdade com o auxílio de fontes orais, tendo como objetivo inicial demonstrar o patrimônio tecnológico, entendido aqui tanto como os processos tecnológicos da atividade de farmacêutico, bem como maquinário, objetos e demais documentos, buscando reconstruir a memória científica dessa instituição através do que/quem esses objetos evocam nos atores envolvidos na trajetória de retomada de autonomia dessa unidade da UFRGS.

Essa coleção apresenta-se desorganizada e sem unidade. Caracteriza-se pela sua especificidade, decorrente do seu campo de atuação. É composta por documentos nos mais variados suportes, tais como fotografias dos formandos, as mais antigas feitas nos estúdios *Virgílio Callegari* e *Irmãos Ferrari*, do início do século XX, mantidas em molduras de madeira da época; a primeira farmacopéia brasileira; históricos escolares, com as datas-limite de 1897- 1983; maquinário de antiga tecnologia - balanças, caldeiras, concentrador, microscópios e extrator a vácuo; mobiliário; vidros de botica.

METODOLOGIA

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel.

XIII ENPOS – 2011

De acordo com a terminologia arquivística um inventário define-se como: *“Instrumento de pesquisa em que a descrição exaustiva ou parcial de um fundo ou de uma ou mais de suas subdivisões toma por unidade a série, respeitada ou não a ordem de classificação”*. (CAMARGO;BELLOTTO, 1996). Ele seguirá a *“Norma geral internacional de descrição Arquivística - ISAD(G)”*, e será entrecruzado pelas entrevistas orais que trarão possíveis informações sobre os objetos que forem reconhecidos.

Ao serem cruzados, os testemunhos e a cultura material, percebemos que pessoas e objetos transformam-se em verdadeiros geradores de memória ou, usando uma denominação dada por Joël Candau², sócio-transmissores.

Para esse autor, o conceito de metamemória explica a memória compartilhada coletivamente. A memória coletiva é, na prática, uma “ideia” que as pessoas têm de suas memórias. Esse tipo de memória tem sua origem na transmissão dentro do grupo social que é mediada pelos sócio-transmissores - estes podem ser objetos, saberes, oralidade, odores –, essenciais para o compartilhamento dessas memórias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos primeiros reflexos desse trabalho foi a inserção dessa coleção no projeto desenvolvido pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins³ – MAST intitulado *“Valorização do Patrimônio Científico e Tecnológico Brasileiro”*. O projeto tem por objetivos: pesquisar o patrimônio da ciência e tecnologia (C&T) no país e constituir um inventário nacional do patrimônio de C&T no país, do que resultará uma maior visibilidade dessa coleção.

Ao realizar um inventário sabemos que estamos validando uma memória e essa memória não se faz no passado, é construída de acordo com as demandas relacionadas ao tempo presente e ao espaço no qual são geradas. Podemos acrescentar, também, que ao inventariar essa coleção ativamos o patrimônio no sentido utilizado por Llorenç Prats (PRATS, 1998).

CONCLUSÕES

O inventário está na sua fase inicial, não havendo portanto conclusões dele derivadas. No entanto, é possível fazer nesse estágio da pesquisa as seguintes considerações e/ou inferências:

- o patrimônio científico e tecnológico diferencia-se nas políticas públicas de patrimônio pela suas próprias especificidades. Principalmente no que diz respeito ao descarte, levando-se em conta a obsolescência dos instrumentos científicos.
- os atores envolvidos são na sua maioria *“homens da modernidade”*. Segundo Ferreira, a *“atualização do passado no presente”* e a *“afirmação de uma memória coletiva”* ligada às buscas identitárias e às questões do patrimônio são questões fundamentais para se compreender as *“reivindicações memoriais”*:

² CANDAU, 2010.

³ www.mast.br

XIII ENPOS – 2011

“São categorias [mnemotropismo de Candau e sedução pela memória de Huyssen] de análise para problemas e realidades decorrentes da ascensão da memória ao plano investigativo das Ciências Humanas e Sociais. Se, tal como nos coloca Huyssen, o homem da modernidade buscava futuros possíveis, o homem contemporâneo vive de passados possíveis”. (FERREIRA, 2011)

É possível, no que diz respeito ao patrimônio tecnológico, que essas “reivindicações memoriais” não sejam tão presentes. Talvez porque os atores sejam “*homens da modernidade*”. O patrimônio da Faculdade de Farmácia da UFRGS, usando uma expressão de Marcus Granato, é um patrimônio “a ser descoberto”⁴(GRANATO;LOURENÇO,2011).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Dicionário de Terminologia Arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria do Estado de Cultura, 1996.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MACHADO, Helena Correa. *Como implantar arquivos públicos municipais*. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 1999.

CANDAU, Joël. Shared memory, odours and sociotransmitters or: "Save the interaction!". In: *Outlines - Critical Practice Studies*, nº. 2, 2010. <http://www.outlines.dk>

CORNELSEN, Julce Mary, NELLI, Victor José. *Gestão Integrada da Informação Arquivística: o diagnóstico de arquivos*. In. : *Arquivística. net* (www.arquivistica.net), Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p 70-84, ago./dez. 2006. Acesso feito em 14 de setembro de 2010.

CORSO, Heloisa Vellinho. *Faculdade de Farmácia: UFRGS 1895 – 1987*. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

CPDOC. <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acessado em 12 de setembro de 2010.

EDLER, Flavio Coelho. *Boticas & Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

FUNARI, Pedro A, PELEGRINI, Sandra de Cássia A. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

⁴ Sobre isso ler: “Coleções científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto”, de GRANATO, Marcus & LOURENÇO, Marta. Rio de Janeiro, MAST, 2010a.

XIII ENPOS – 2011

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Políticas da memória e políticas do esquecimento. In: Revista Aurora, número 10, 2011.

GRANATO, Marcus & LOURENÇO, Marta C. *Reflexões sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia na Atualidade*. In: Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.4, dez.2010 / mar. 2011 – ISSN- 2177-4129. www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede

GRANATO, Marcus. Projeto de Pesquisa: Valorização do Patrimônio Cultural Científico e Tecnológico Brasileiro. Rio de Janeiro, MAST/MCT, julho de 2009.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. In: Política y Sociedad, nº 27, Madrid, 1998, pp 63 – 76.

SILVA, Pery Pinto Diniz da, SOARES, Mozart Pereira. *Memória da Universidade Federal do rio Grande do Sul: 1934 – 1964*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

UNESCO. *Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural* CONFERÊNCIA GERAL da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. WWW. In: www.unesco.org. Acessado em 14 de setembro de 2010.